

A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX: do imagotipo *negativo* ao imagotipo *de afinidade*

CARLOS PAZOS JUSTO

Universidade do Minho

Grupo Galabra (Universidade de Santiago de Compostela)

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar as origens e funções da imagem que dos galegos e da Galiza funcionava em Portugal, nomeadamente em Lisboa, desde fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX. A partir fundamentalmente da trajetória do enclave galego de Lisboa, nas páginas seguintes tentaremos descrever e analisar como o imagotipo dos galegos em vigor em finais do século XIX, passa a partilhar o imaginário português com uma outra representação bem diferente que funcionará no espaço social português respondendo a outros interesses e finalidades. Neste sentido, explicitamos já que não é objetivo deste trabalho entrar aqui em elucubrações sobre a menor ou maior fidelidade da imagem portuguesa dos galegos à realidade deste coletivo,¹ apenas

1 Nesta orientação interpretamos as indicações de Machado e Pageaux (2001: 51): “O estudo

nos interessa conhecer e analisar a representação que efetivamente funcionou no imaginário português.²

O tema proposto não tem sido objeto de estudos de conjunto. No entanto, têm surgido ao longo das últimas décadas trabalhos, nomeadamente desde os estudos literários e centrados num produtor literário concreto, que têm contribuído para colocar questões e possibilitar análises mais abrangentes (cfr. p. ex. Beirante 1992 ou Rodriguez e Torres 1994). Também, desde os estudos literários e da cultura há abundante literatura sobre as relações literárias/culturais entre a Galiza e Portugal para o período fixado (cfr. p. ex. Villares 1983, Vázquez 1995, Torres 1999a, 2008 e 2010 ou Cunha 2007).³ Desde os estudos linguísticos, vários trabalhos forneceram informação relevante sobre os significados da palavra *galego* ou a fraseologia portuguesa com presença *galega* (cfr. Marçal 1954, Kristensen e Evans 2006, Grygierze e Ferro 2009). O fenómeno migratório galego em Portugal, central, como veremos, na origem da representação inicial dos galegos em Portugal, tem recebido uma atenção crescente nos últimos anos, ajudando a melhor descrever a formação e funcionalidades da imagem portuguesa dos galegos (cfr. González 1999, 2006, 2009 e 2011 ou Alves 2002); paralelamente

da imagem deve dar menos importância ao grau de ‘realidade’ duma imagem do que ao seu grau de conformidade com um modelo cultural previamente existente, de que importa conhecer os componentes, os fundamentos, a função social [...] o verdadeiro problema é o da lógica da imagem, da sua ‘verdade’ e não da sua ‘falsidade’”.

- 2 No que diz respeito à imagologia, este trabalho servir-se-á metodologicamente das ferramentas e orientações desenvolvidas por Machado e Pageaux 2001 e Beller e Leerssem 2007. Anotamos já que a consecução dos objetivos deste estudo estão norteados pela afirmação de Joep Leerssem: “Imagology [...] its aim is to understand a discourse of representation rather than a society” (Beller e Leerssem 2007: 27); do mesmo modo, entendemos a *imagem* “as the mental silhouette of the other, who appears to be determined by the characteristics of family, group, tribe, people or race. Such an *image rules our opinion of others* and *controls our behaviour towards them*” (Beller e Leerssem 2007: 4; sublinhados nossos). Por outro lado, consideramos com Machado e Pageaux (2001: 53) que a “imagem [...] é um facto cultural” e, portanto, é suscetível de ser analisada recorrendo a um conjunto heterogéneo de produtos culturais, não apenas literários. Optamos por utilizar a etiqueta de Manfred S. Fischer *imago-tipo* (cfr. Beller e Leerssem 2007: 9 e 333) face a, por exemplo, *estereótipo*, por traduzir com maior transparência, na nossa leitura, o carácter composto de uma imagem dada; desta forma, a imagem de um grupo ou país pode estar composta de um o mais imago-tipos com origens e funcionalidades diversas.
- 3 O assunto passa despercebido, porém, nos estudos cuja perspectiva é a estatal, isto é, aqueles que explicitam *Espanha* e *Portugal* como os dois focos centrais da análise (cfr. p. ex. Torre e Telo 2002 ou Alonso 2006).

saíram a público vários trabalhos que desde diferentes perspetivas se debruçam sobre os galegos emigrados em Portugal, especialmente em Lisboa (cfr. Felgueiras 1981, Pinho 1983, Vaz 2008 ou Dantas 2010).⁴

O imagotipo negativo

A imagem dos galegos em Portugal na época contemporânea até fins do século XIX está estreitamente vinculada ao fenómeno migratório galego em Portugal. Desde o século XVIII, após o fim da guerra de sucessão espanhola, e até meados do século XX, Portugal, especialmente Lisboa, foi um destino principal para a emigração galega. Quantitativamente, o momento de apogeu estaria por volta de 1800, estimando-se o número de emigrantes por volta dos 80 mil passando a perto de 30 mil em fins da centúria (González 2011).⁵ Estes galegos exercerão maioritariamente trabalhos não qualificados. Em palavras de António Pinho:

Os mesteres dos Galegos, em geral, eram os de *acarretador*, *aguadeiro*, *almocreve*, *artífice*; *carregador* (da Alfândega e da Companhia do Arroz), *cortador* (referenciado no século XVII), *cozinheiro*, *criado doméstico* (de libré, botequim, casa de pasto, tasca); *moço de armazém* (de loja de bebidas, de mercearia) e *moço de esquina* ou *de fretes* (chamado também *carreção* e *mariola*), além de *postilhão* de cadeirinha ou liteira, *serviçal* (no mais lato sentido), *trabalhador braçal* e *barredor*.

4 A publicação em 2008 de *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa* (Leira 2008), livro de homenagem à colónia galega de Lisboa, marca um ponto de inflexão no estudo e conhecimento do fenómeno migratório galego em Portugal. Até esta data, a emigração galega a Portugal teve uma atenção limitada, tanto em Portugal como na Galiza se comparada com a profusão de trabalhos acerca da emigração galega para o continente americano; para este caso, há inclusive estudos que introduzem questões imagológicas (cfr. Núñez 2002 e Caglio e Núñez 2007: 11 e ss.).

O presente trabalho nutre-se, não exclusivamente, de trabalhos nossos centrados no enclave galego de Lisboa (Pazos 2009, 2010c e especialmente 2010b e 2011a).

5 Durante grande parte do século XIX o recrutamento forçoso do exército espanhol é um dos fatores que explicam a grande afluência de emigrantes a Portugal; no último terço deste século, porém, este modelo migratório experimentará um importante decréscimo devido à irrupção dos destinos ultramarinos (Argentina, Uruguai, Brasil, etc.) (González 2006: 258-259).

Se o consentiam os patacos amealhados ou a ânsia de relativa independência, escolhiam as ocupações de *amolador de tesouras e navalhas* (em simultâneo com o concerto de guarda-chuvas e de louças, daí o *deita-gatos* ou *gateiro*), *carvoeiro*, *castrador de felinos*, *estalajadeiro*, *negociante*, *padeiro*, *sota*, *taberneiro* e *vendedor de rendas* (Pinho 1983: 211-212; itálicos no original).⁶

A posição/função social determinada pela sua condição de imigrantes e de trabalhadores não qualificados vai ser fundamental na origem do que denominamos imagotipo *negativo* em elaboração já desde o século XVIII. Este nutre-se repertorialmente, entre outros, dos seguintes elementos: grosseiros e brutos, ignorantes e avarentos, trabalhadores não qualificados, em ocasiões alcoólicos, ingénuos mas desconfiados, utentes de uma variedade linguística própria e de uma vestimenta peculiar, sem vínculos aparentes com Portugal; podem aparecer designados como *gallegos*, *tuyanos* ou *vigoenses*.⁷ Como se vê, o imagotipo é constituído por um conjunto amplo de elementos, pois tem como referente um grupo social muito presente na sociedade portuguesa; lembre-se a este respeito, que muitos dos afazeres dos galegos tinham lugar na praça pública.⁸

6 Apontamos já que todas as citações, incluídos os anexos, mantêm os textos na sua forma original.

7 Viktoria Grygierzec e Xesús Ferro Ruibal anotam, entre outros, os seguintes elementos sobre os galegos a partir da fraseologia portuguesa: “esforzo máis físico ca intelectual / escravo do traballo / agoniado polo traballo / obsesionado con reunir diñeiro / famélico (gando) / último da escala social / covarde / lorpa, groseiro, bruto / traidor” (Grygierzec e Ferro 2009: 103). Por outro lado, tudo parece indicar que a origem, constituição e funcionalidade do imagotipo português não difere muito do castelhano/espanhol. Para Fernando Romo Feito a periferização da Galiza no trânsito da Idade Média para Idade Moderna “caused a massive emigration of Galicians in miserable conditions [...], leading them to occupy the lowest job categories. They were associated with footmen, servants, handymen, barmaids (often prostitutes), drudges, and washer-women hefty, ugly and lustful. The view of Galicians was mostly negative, and this can be seen in the proverb *antes puto que gallego*” (Romo 2010: 461; cfr. Caramés 1993 e Palmás 1984: 514).

8 Repare-se que nesta imagem conta essencialmente a presença de galegos em Lisboa e não o conhecimento efetivo da Galiza; isto é, trata-se, na altura, da imagem de um grupo e não de um país ou uma nação.

A visibilidade dos galegos na Lisboa dos séculos XVIII e XIX era tal que ficou consignada em textos de autores estrangeiros; entre eles: Guisepppe Baretti (italiano), Guisepppe Gorani (italiano), Dumouriez (francês) e Willian Dalrymple (inglês) (cfr. Garcia 1996). Singular,

A vitalidade e expansão do imagotipo português dos galegos ficou patente em numerosos produtos culturais.⁹ Em *Eloquencia Gallega. Sermão pregado por um cura gallego na freguezia de Forcadella no anno 1720 [da era vulgar]* (1878), *O Gallego Lorpa. Entremez em um acto* (1879), *Confissão do Gallego Ramon Parde-lhas* (s.d.) (cfr. Kristensen e Evans 2006), *O Galego e o Diabo* texto de Almeida Garret de 1824 ou no famoso *O Galego. Vida, Ditos e Feitos de Lázaro Tomé* de Alexandre Herculano, o imagotipo negativo é elemento repertorial central e carregado de uma evidente funcionalidade jocosa.¹⁰ A mesma função humorística, ridicularizante, estará por trás d’*Os Galegos e outras historias* (1884) de Rafael Bordalo Pinheiro. O imagotipo estará presente igualmente na pintura e na incipiente fotografia da época (cfr. Dantas 2010) ou inclusive no cinema; segundo Carlos Consiglieri “*O primitivo cinema português ajudou a esta fixação [a do imagotipo]. O moço de frete (o galego dos recados) perduram em A Canção de Lisboa (1932-33) na cena da mudança; em A Vizinha do Lado; e em O Pai Tirano (1941)*” (Carlos Consiglieri *apud* Pinheiro 1994: 22; itálicos no original). Na fraseologia, por seu turno, há inúmeros vestígios: *Guarda-te de cão preso e de moço galego, Trabalhar como um galego, A fome e o frio fazem o gado galego, Debaixo de galego, só um burro, Cinquenta galegos não fazem um homem, Pariu a galega!* ou *Ver-se galego* são alguns dos adágios recolhidos por Grygierzee e Ferro 2009.

porquanto contraria a imagem portuguesa dos galegos, é a representação que destes desenha o francês Joseph B. F. Carrère em *Voyage en Portugal* (1798); como assinalou Rodrigues Lapa já em 1952, o retrato de Carrère era bem mais amável: “Não oferece os seus serviços; espera com tranquila dignidade que lhos solicitem. Esta raça desperta a atenção do observador [...] e considera-a uma raça privilegiada, que não sofreu a influência das causas físicas e morais que contribuíram para abastardar a espécie humana em Portugal” (Joseph Carrère *apud* Lapa 1952: 9-10).

9 Lembre-se neste sentido com Machado e Pageaux: “no plano cultural, o estereótipo é de grande importância. Ele constitui uma forma maciça de comunicação. Sendo uma redução extrema da informação, ele é também uma forma ideal de comunicação de massas” (Machado e Pageaux 2001: 52).

10 Outros textos com presença do imagotipo negativo aparecem citados em Vaz 2008.

O imagotipo de afinidade

No último terço do século XIX e primeiras décadas do XX a imagem portuguesa dos galegos, e agora também da Galiza, experimenta uma complexificação notável ao emergir um novo imagotipo que aqui denominaremos *de afinidade*. Uma das primeiras evidências da elaboração desta nova representação dos galegos surge no texto já citado *O Galego. Vida, Ditos e Feitos de Lázaro Tomé* (1845-1846), texto inserido numa série de “Typos Portuguezes” que o autor ia empreender e de que só publicou este primeiro volume. Apontava Alexandre Herculano no Prólogo: “A ideia ‘galego’ é complexa; é trina. Há galego-mito – galego-história – galego-actualidade: o primeiro um símbolo; o segundo um ovo; o terceiro um elemento social” (Herculano 1981: 219). O imagotipo negativo descrito acima está vinculado a este “galego-actualidade”, quer dizer, aos imigrantes galegos. Ora, Alexandre Herculano utiliza repertorialmente esta imagem dos galegos vigente em Portugal com função (etno-)humorística mas, ao mesmo tempo, explicita no seu texto uma outra visão da Galiza e dos galegos paralela à que de forma sistemática vários agentes portugueses começam a reelaborar como um dos elementos do repertório cultural português. Em estreito diálogo com o impulso planificador dos galeguistas da altura (cfr. *infra*), Teófilo Braga, nomeadamente, Leite de Vasconcelos, Oliveira Martins ou o próprio Alexandre Herculano, vão introduzir na sua produção a Galiza como espaço geo-humano individualizado (a respeito do espanhol/castelhano), pondo em valor uma série de elementos de variada natureza, nomeadamente a respeito da vinculação entre a Galiza e Portugal: identidade/afinidade de língua, alma, raça, passado, paisagem, etc.;¹¹ por sua vez, contestam o imagotipo negativo.

Assim por exemplo, Teófilo Braga contradiz a imagem dos galegos a vigorar na altura quando, referindo-se à Galiza, afirma:

Pelo estudo da poesia gallega, é que se podem compreender as formas do lyrismo portuguez; e a desmembração d’esse territorio, que ethnica-mente nos pertence tem permanecido para nós extranho durante tantos

11 Seguimos aqui de perto as teses propostas por Elias Torres (Torres 1999a: 273 e ss.).

seculos, é que prova a falta absoluta de plano na nossa vida politica. A verdadeira origem da tradição lyrica da Galliza está ligada á sua constituição ethnica [...]

O afastamento da Galliza de Portugal provém do esquecimento da tradição nacional e da falta de plano politico em todos os que nos tem governado. Em Portugal o espirito moderno penetra, mas ainda, é considerado como revolucionario. Na Galliza o estudo da tradição começou já (Teófilo Braga *apud* Torres 1999a: 280).

Leite de Vasconcelos irá, um ano depois, incidir explicitamente no assunto nos termos fixados por Teófilo Braga:

Assim como, segundo a theoria da evolução, o homem-animal se esqueceu de que sahira lentamente dos mammiferos simianos, tambem muitas vezes o homem-social perdeu a lembrança da sua origem ethnica. (...) Achamos o mesmo esquecimento no facto que se dá entre Portuguezes e Gallegos. Sabe-se que para Portugal o nome *gallego* é uma irrisão.

[...]

O proprio Camões, apesar de descendente de uma familia da Galliza, não se pejou de dizer ao povo da sua procedencia: Oh sordidos galegos, duro bando.

Se existe, pois, tal analogia entre Portugal e Galliza, analogia que tão bem pôde traduzir-se numa federação, se o curso das ideias, em vez de levar a utopias monarchicas de união ibérica prejudiciaes para nós, guiar os animos num certo sentido; se nós vemos as populações da Galliza emigrarem constantemente para cá, offerecendo-nos os seus braços em qualquer ordem de trabalhos: porque é esse opprobio infame e arremessado às faces dos nossos irmãos? (Leite de Vasconcelos *apud* Torres 1999a: 284-285; itálico nosso).¹²

12 A tomada de posição de Leite de Vasconcelos continua com um protesto inconformado para com o imagotipo negativo: “Aproveitando a ocasião do 2.º centenario calderoneano, em que os povos peninsulares, conforme ha pouco fizerão a Camões, se aggregão para commemorar a memoria de um espirito illustre (...) venho, perante a Geographia, a Historia, a Ethnographia e a Moral, protestar solemnemente contra o falso *preconceito portuguez* que liga ao

Em interessado diálogo com os vizinhos do Sul, na Galiza, desde meados do século XIX, vários agentes (Manuel Murguía, nomeadamente) começam a elaborar um novo repertório identitário para os galegos; nascem aqui uma série de ideias/crenças, algumas de longo percurso (como é o caso do celtismo) a respeito das singularidades dos galegos, da Galiza no âmbito do Estado espanhol e que vão nutrir a autoimagem dos galegos e da Galiza. Neste quadro, os primeiros galeguistas começam também a desenhar uma série de traços identitários dos galegos que os ligam interessadamente a Portugal (outra vez a língua, a raça, a alma, etc.), referente de reintegração¹³ que irá funcionar como “alicerce da legitimidade de existir e reforço da própria identidade e da soberania cultural” (Torres 1999a: 273).¹⁴

Estes novos discursos sobre os repertórios culturais de galegos e portugueses vão funcionar na prática como os primeiros, e talvez mais importantes, possibilitadores de uma nova forma de relacionamento entre galegos e portugueses; são, para o que aqui interessa no que diz res-

nome gallego uma significação affrontosa.

Espero que a imprensa ilustrada do paiz cor-responda a este apêllo” (Leite de Vasconcelos *apud* Torres 1999a: 284-285; itálicos nossos).

A intervenção de Leite de Vasconcelos elucidativamente incluía o seguinte poema onde se destaca:

Porque te insultão, lyra das Hispanhas?/ Pois não ouvem o grito do Alalálaa/ Que os Gallegos entoão nas montanhas? [...] Não differem as nossas tradições [...] Possuimos egual quinhão de glória. Jamais o opprobio desleal e baixo/ Sobre o nome gallego, nosso irmão!/ A Justiça levanta o vivo facho/ Da federal e ehtnica união:/ Separados da Hispanha, em dia novo./ Outra vez formaremos um só povo! (Leite de Vasconcelos *apud* Torres 1999a: 285).

Para Oliveira Martins, por exemplo:

[...] portugueses e gallegos somos um e o mesmo povo na lingua e no sangue [...] Desde o Finisterra pelo menos até ao Mondego, o povo é absolutamente o mesmo, e se não tivesse sido o facto da scizão politica pelo Minho, a lingua seria absolutamente identica. O portuguez não é outra coisa senão o galleciano que tomou caracteres proprios com a cultura principalmente quinhentista. Antes, as duas fallas não se distinguem (Oliveira Martins *apud* Torres 1999a: 313).

13 As raízes da planificação galeguista a respeito de Portugal encontram-se, como evidenciou Raquel Bello (2012), nos discursos dos ilustrados galegos do século XVIII.

14 Na elaboração do discurso galeguista do século XIX, nomeadamente no de Manuel Murguía: “A nacionalidade realizase necesariamente nun proceso dialético fronte ós ‘outros’. E, por iso, na dogmática nacionalista eses ‘outros’ teñen categorías distintas: hai un *tratamento de negación* fronte ó Estado ou fronte as nacionalidades que non comparten a mesma étnia, como Castela, hai un *tratamento de reintegración* de cara a Portugal e un *tratamento de analoxía* cara a países como Cataluña, Irlanda, País Vasco” (Barreiro 2007: 34; itálicos nossos). Estes modos de relação e os conceitos associados foram analisados primeiramente por Beramendi 1991.

peito à imagem portuguesa, o substrato repertorial determinante de uma nova forma de imaginar os galegos e a Galiza que, tentaremos demonstrá-lo a seguir, irá consolidando-se no *imaginário*¹⁵ português ao longo das décadas seguintes.

Após as elaborações galegas e portuguesas do último terço do XIX, nas primeiras décadas do século XX e até, *grosso modo*, 1936, as relações entre os grupos e agentes galegos e portugueses interessados no contacto galego-português estarão presididas pela ideia central da afinidade/identidade entre galegos e portugueses. Com especial incidência a partir de 1917, o relacionamento será protagonizado pelos galeguistas, agora com alguma coesão, organização e meios de expressão próprios, e grupos e agentes portugueses nacionalistas, nomeadamente a emergente Renascença Portuguesa, com Teixeira de Pascoaes à cabeça; mais à frente, na década de 30, significar-se-ia em Portugal nomeadamente Rodrigues Lapa (cfr. Alonso Estravís 1998). É ao longo da década de 10 e de 20, por exemplo, quando a *saudade*, elemento repertorial central dos da Renascença, vai ser elaborado interessadamente como mais um elemento de união entre galegos e portugueses (cfr. Torres 2008).¹⁶

Evidências do imagotipo de afinidade. O enclave galego de Lisboa

A seguir, a partir das tomadas de posição de agentes e grupos vinculados ao enclave galego de Lisboa tentaremos demonstrar como nas primeiras décadas do século XX, junto ao aqui denominado imagotipo negativo, começa a funcionar socialmente o imagotipo de afinidade no espaço social português.

Como já foi indicado, a colónia galega de Lisboa era no período de análise quantitativamente numerosa. Ora, com especial relevância para os objetivos deste trabalho, este coletivo experimenta desde fins do

15 Entendemos por imaginário com S. Scherer: “The imaginary is seen as the fictional production of reality [...] and as a generator of social image formation, which is in turn understood as a reality surplus that results from the oscillation between individual psychological constructs and their historical and social institutions” (Beller e Leerssen 2007: 346).

16 Dados os objetivos deste trabalho não nos vamos deter nem nos discursos nem nos eventos vinculados às relações galego-portuguesas do período em análise. A bibliografia sobre o assunto citada mais acima é suficientemente reveladora.

século XIX e durante as primeiras décadas do XX uma notável complexificação qualitativa. Com base num relatório de 1873 que o governo português teria solicitado ao Consulado espanhol, González Lopo destaca o facto de um grupo não desprezível de emigrantes (por volta do 5% do total)¹⁷ alcançar uma posição económica vantajada.¹⁸ Muitos destes galegos abastados trabalham na hotelaria, sendo proprietários de “emblemáticos” cafés e restaurantes (Café Martinho, Café Suiço, Irmãos Unidos, Hotel Francfort, restaurante Estrela d’Ouro, Restaurante Gambinus, etc.) (González 2011: 7 e ss.), tendo, portanto, acesso a novas redes sociais e, na prática, expondo-se perante a sociedade portuguesa já não como *moços de fretes* ou *aguadeiros* mas como emergentes proprietários; possibilitando, por seu turno, a consciência no coletivo imigrante dos seus deficits de, por exemplo, capital simbólico, social, etc. que, como veremos, tentarão superar através de várias estratégias. Neste estado de coisas, um dos entraves maiores com que se encontram os *lisboanos*¹⁹ no seu percurso de ascensão social será a imagem à que estão associados que os remete na altura a uma posição secundária e até marginal no espaço social português.

A defesa dos interesses do enclave de variado tipo (com papel predominante para os lisboanos) será feita, na prática, recorrendo a várias estratégias. A de provavelmente maior impacte no espaço social

17 É claro que o relatório consular se referia aos emigrantes espanhóis e não especificamente aos emigrantes galegos. Contudo, todos os trabalhos consultados coincidem à hora de indicar que os galegos eram o coletivo maioritário entre os emigrados oriundos do Estado espanhol; o próprio cônsul refere em 1873 que os galegos seriam um 97% do total (cfr. Alves 2002: 4; Pena 1999: 15).

18 González Lopo situa estes emigrantes entre “alta y mediana burguesía en la que se pueden distinguir actividades de claro prestigio – profesores, propietarios, dueños y socios de fábricas y establecimientos comerciales” (González 2011: 9).

19 *Lisboanos*, denominação utilizada na metrópole, isto é, na sua terra de origem, identificava os emigrantes abastados em Lisboa (cfr. González 1999: 254). A própria existência da palavra evidencia a notoriedade deste coletivo na Galiza. Grygierzee e Ferro (2009: 84) recolheram esta elucidativa cantiga popular sobre os lisboanos em Caritel (zona Sul da Galiza): “Lisboanos de Lisboa/que vindes facer ó eido?/Vindes engana-las mozas/coa sona do diñeiro”. A notoriedade dos lisboanos parece ter ultrapassado os limites das zonas de procedência dos emigrantes se repararmos, p. ex., na atenção laudatória que lhe dedica a importante revista *Vida Gallega* (por exemplo em 1910). Os próprios galeguistas parecem conceder uma importância notável à colónia galega de Portugal (e em geral, aos coletivos galegos da emigração) se repararmos em como subintitulam o seu órgão de expressão, *A Nosa Terra*: “Idearium das Irmandades da Fala en Galicia e nas colonias galegas d’América e Portugal”.

português (e no próprio enclave) foi a criação de instituições vinculadas à colónia. Deste modo, como noutros destinos da diáspora galega, surgiram (i) associações ou centros com diferentes objetivos que congregam os membros da colónia e (ii) publicações periódicas, em vários casos bilingues, que tinham como destinatários preferentes o coletivo emigrante.²⁰ Além de contribuir à coesão interna do próprio enclave,²¹ as associações e publicações periódicas estão ao serviço deste para contestar o imagotipo negativo, contrário aos interesses dos lisboanos e, em geral, de todos os emigrantes galegos em Portugal.

Em 1908, o corresponsal de *El Tea* em Lisboa afirmava: “Pasarón los años en que nuestros compatriotas eran objeto de befa y demás expansiones populares. Hoy debido á nuestra actividad y con ella

20 Associações vinculadas ao enclave galego seriam inequivocamente: a Associação Galaica de Socorros Mútuos (1888) e Juventud de Galicia (1908). Publicações periódicas: *La España Moderna* (1908), *El Clamor Español* (1909), *La España Democrática* (1912), *España y Portugal* (1913), *Hispania* (1924 e 1935), *El Heraldo Español* (1931), *Alborecer* (1932); Ignacio Chato acrescenta a esta lista as seguintes publicações, as duas do século XIX: *El Gallego* (1881-1883?) (pelo título mais parece tratar-se de uma publicação humorística) e *La Voz Galaica* (1882) (Chato 2004: 130-133). Neste sentido, definir os limites do que denominamos enclave galego em Lisboa no âmbito do coletivo de emigrantes oriundos do Estado espanhol não é tarefa fácil, nem, por outro lado, objetivo prioritário deste trabalho; é provável, portanto, que existissem mais associações vinculadas ao enclave galego assim como também é possível que um ou vários dos jornais citados não estivessem diretamente vinculados àquele. Nos jornais consultados (ao lado da publicação republicano-agrarista *El Tea*, de Ponte-Áreas, com importantes relações com o enclave) são notórias as tensões existentes no conjunto dos emigrantes oriundos do Estado espanhol no que diz respeito aos modelos de associação. Assim, a modo de exemplo, podíamos ler em 1908 em *La España Moderna*: “En Portugal los españoles andamos faltos de ella [união] y como consecuencia de esto, ni hay colonia ni hay españoles, ni existe mas que antagonismo [...] El Centro Gallego, muy digno de imitar por las demas regiones; pero es el caso que Galicia se concentra solo á defender su región” (*La España Moderna*, 24/10/1908, p. 3).

21 Domingo González Lopo assinala a preocupação dos lisboanos pela formação dos seus filhos como mais uma estratégia no seu projeto de ascensão social (González 2011: 12). O caso de Alfredo Guisado (cfr. Pazos, 2010a), descendente de emigrantes galegos, é paradigmático. O número 21 de *Vida Gallega* de 1910, incluía nas suas páginas um retrato laudatório da família Guisado (com fotografia) em que se indica: “Sus hijos [os de Antonio Venancio Guisado] reciben una esmerada instrucción en los centros docentes de la capital, obteniendo en sus exámenes notas de significado aprovechamiento. Así es que el joven Alfredo Pedro, luego que concluya sus estudios preparatorios, se trasladará á Bélgica ó Alemania para seguir la carrera de ingeniero de industrial” (*Vida Gallega*, 31/05/1910). Tal não se verificou; Alfredo Guisado, porém, sim frequentou um dos liceus mais prestigiados de Lisboa, o Liceu do Carmo, e acabaria por forma-se em Direito na Universidade de Lisboa e ser deputado na Assembleia da República antes da irrupção do autoritarismo.

el progreso y cultura, han desaparecido esos antiguos rencores que más de una vez dieron origen á graves conflictos” (*El Tea*, 5/12/1908). A asseveração de *El Tea* pecava de excessivo entusiasmo. Escassos dois anos mais tarde, sob o título “Los gallegos de Lisboa” e a raiz de umas eventuais piadas sobre os galegos aparecidas na publicação *Os Ridículos*, escreviam em *El Tea*: “¿No son preferidos los gallegos en todas partes á los de otras naciones? En Lisboa mismo, ¿no hay muchísimos más portugueses desempleados que gallegos? [...] Que los gallegos son *hábiles, trabajadores y honrados*, que al abandonar su casa su propósito es uno solo: trabajar y comer” (*El Tea*, 23/7/1910, p. 2; itálicos nossos).²²

No texto de *El Tea* está presente um dos contra-argumentos que o enclave utilizou recorrentemente para contestar o imagotipo negativo: os galegos eram honestos e trabalhadores.²³ Tal argumento, no entanto, não era suficiente para atenuar a presença hegemónica do imagotipo negativo na imagem portuguesa dos galegos. Prova-o transparentemente a intervenção de Guilhermina de Moraes (provavelmente um pseudónimo) n’*O Paiz. Jornal Republicano Radical* em 1912; sob o título “O roubo nos pesos e nas medidas”, escrevia, entre outras coisas, “o mais refinado ladrão n’esta especialidade é o gallego tasqueiro, taberneiro

22 Poucos dias depois, *El Tea* (30/07/1910, p. 1) recolhia o texto (ou um dos textos) motivo da afrenta; exemplificamos com o seguinte excerto: “Cachaço calejado p’lo chinguizo / Vermelho como a flor da sardineira, / As cordas penduradas na lombeira / Que são indispensáveis no serviço [...] No lar, encontra filhos con fartura / Todos feitos em *carta registada!!!*”

23 Aparentemente o facto de um setor importante do enclave apoiar publicamente o novo regime republicano, aproximando-se assim das novas elites políticas é mais uma estratégia que visa ampliar os horizontes dos membros da colónia. A imprensa ligada ao coletivo emigrante é, segundo a informação manejada, maioritariamente republicana; assim por exemplo *La España Moderna* ou *El Clamor Español*. *El Tea*, sempre com importantes vínculos com a colónia será um meio principal de propaganda republicana no seio do enclave; lembre-se, neste sentido, que o seu diretor, Amado Garra, vai receber em 1922 a “Cruz del Cristo” [sic] do Governo da República portuguesa (*El Tea*, 23/04/1922). González Lopo introduz ainda outra leitura para explicar a adesão de parte importante do enclave à causa republicana, relacionando a instauração da República, o iberismo expansionista de Afonso XIII e o, conseqüente, “perigo espanhol”: “los gallegos se vieron de pronto colocados en una posición muy incómoda en medio del fuego cruzado de la diplomacia de ambos países y la desconfianza y el desprecio de la opinión popular.

Precisamente esta nueva situación, políticamente muy inestable y progresivamente más violenta, obligó a los gallegos a posicionarse de manera clara para evitar que un comportamiento ambiguo perjudicase, no sólo sus intereses, sino también su propia integridad y la de sus instituciones corporativas” (González 2011: 19).

carvoeiro e merceiro. Este figurão vindo do norte, cheio de ronha e porcaria, é aceite em Lisboa como homem honesto e de trabalho” (vid. Apêndice I).

Em 1912, as palavras de G. de Moraes ativando o imagotipo negativo já não passariam despercebidas ao enclave. Este encontrase suficientemente fortalecido, coeso e organizado como para rejeitar publicamente as afirmações da autora, para tal conta com instituições próprias. Assim, poucos dias depois, sob o título “Colonia Callaica”, *O Paíz*, com alguma relutância, anuncia que receberam uma carta dos galegos “queixando-se” do artigo de G. de Moraes. A tal carta seria publicada dias mais tarde, presumivelmente devido à pressão dos galegos, em artigo intitulado “A Colonia Callaica”; significativamente, a carta é assinada pelo presidente de Juventud de Galicia, “Lorenço Varella Cid”, um empresário de sucesso; quanto ao conteúdo, a carta insurge-se contra as palavras de G. de Moraes enfatizando especialmente o caráter trabalhador dos galegos (vid. Apêndice II).²⁴

A autora de “O roubo nos pesos e nas medidas” acabaria por voltar a intervir nas páginas d’*O Paíz* noutro tom. Sob o título “Á Colonia gallaica. Uma satisfação franca e sincera”, G. de Moraes escreve: aos galegos honrados “presto eu, como portuguesa toda a homenagem do meu maior respeito e a alta consideração que me merecem todas as pessoas de bem”.²⁵

24 Note-se que o nascimento de Juventud de Galicia está de alguma forma relacionado com a imagem dos galegos. Segundo indicou um dos seus membros mais destacados, a ideia surgiu depois de uma festa onde vários galegos foram convidados a deixar o local com um “Se querem dançar vão dançar para a vossa terra” (Ramiro Vidal Carrera *apud* Vaz 2008: 18). Neste sentido, o aparecimento de Juventud significa também, provavelmente, a criação de espaços que por falta de capitais e discriminações lhes eram negados.

25 Outro episódio no qual o enclave reage através dos meios ao seu alcance está relacionado com a morte de um dos seus membros. A capa do nº 3 de *España y Portugal* está dedicada por inteiro a desenvolver a manchete “Españoles. Nuestro Compatriota José Carrera Seoane ¡¡Ha Muerto a causa de la Agresión Cobarde del policía, 380!!” (22/11/1913). A notícia teve, por seu turno, acolhida em termos similares no metropolitano *El Tea*. No seu último número, *España y Portugal* lançava a seguinte iniciativa: “SUSCRIPCIÓN POPULAR. Patrocinada por *España y Portugal*, para procesar el policía 380, que mató nuestro compatriota José Carrera Seoane” (*España y Portugal*, 6/12/1913, p. 3); a seguir, figuravam várias dezenas de nomes com as quantidades entregues.

Vemos como, apesar dos novos discursos portugueses sobre a Galiza no último terço do século XIX, a planificação galeguista e dos republicanos e o progressivo fortalecimento do enclave, a imagem à que estavam vinculados os emigrantes galegos em Portugal continuava a estar presidida pelo imagotivo negativo. Tudo indica que a capacidade de os galegos residentes em Lisboa se fazerem ouvir e serem escutados além das margens do enclave era ainda bastante limitada. Por outro lado, a adscrição identitária/nacional destes é no mínimo ambígua. Autointitular-se galego não deveria ser na altura uma prática socialmente rentável.²⁶

As causas da persistência do imagotipo negativo não são aparentemente unívocas. Contudo, achamos de todo necessário indicar com M. Beller que “Once formed, stereotypes [entenda-se aqui imagotipos] are resistant to change on the basis of new information” (Beller 2007: 429). Deste modo, a persistência do imagotipo negativo relaciona-se antes de mais com a própria genética deste tipo de representações, que uma vez incorporadas com solidez ao imaginário, à cultura, oferecem uma alta resistência à mudança ou até à sua desativação.²⁷

A irrução das Irmandades da Fala a partir de 1916 vai significar uma acentuada intensificação das relações culturais entre agentes e grupos galegos e portugueses; por seu turno, o relacionamento cultural passará para primeiro plano nas elites culturais portuguesas (ultrapassando largamente assim os limites do imagotipo negativo); aquele estará presidido pela ideia da proximidade(/similitude) identitária. São vários

26 Aparentemente, como consequência do imagotipo negativo presente no imaginário português os galegos hesitaram à hora de auto-nomearse. Neste sentido, González Lopo aponta: Resulta muy significativo que el adjetivo *galaico* – o en su defecto el de español- se emplee preferentemente como apelativo de asociaciones, cabeceras de periódicos o para designar actividades, como mecanismo de defensa eufemístico para sortear el ultrajante *gallego*, que había adquirido tan negativas connotaciones (González 2011: 14; itálicos no original).

27 González Lopo interroga-se sobre o assunto nestes termos:

Cabría preguntarse si esa ofensiva en pro de la divulgación de un viejo estereotipo en un momento en que comenzaban a multiplicarse los ejemplos que lo impugnaban, no es en cierto modo signo de ese cambio y una respuesta al mismo al ser visto por un sector de la población autóctona como una amenaza por la inversión de papeles sociales que de cara al futuro parecía presagiar (González 2011: 11).

Em nota de rodapé, Domingo G. Lopo indica que nesta altura a colónia galega apresentaria uns índices de alfabetização superiores aos da média lisboeta (*ibid.*). O “perigo espanhol”, seguindo esta linha de análise seria também um dos ativadores do imagotipo negativo.

os eventos que, com maior ou menor sucesso, têm lugar neste período encenando os vínculos galego-portugueses (cfr. Marco, 1996: 201-202; *vid.* n. 16). Estes contribuem necessariamente para uma exposição da Galiza e dos galegos, por exemplo, na imprensa periódica, em termos bem afastados do imagotipo negativo (cfr. Cunha 2007). O enclave galego de Lisboa, sempre atento ao devir da metrópole, não ficaria alheio a estas mudanças. Com efeito, logo em 1919, *El Tea* dá notícia da penetração do galeguismo no enclave.²⁸

Neste estado de coisas, grupos e agentes do enclave empenhados em adquirir outras espécies de capital (além do económico) começam a intervir no espaço social português em sintonia com os postulados dos grupos galegos e portugueses interessados no contacto galego-português. Assim, por exemplo, em 1919 abrem uma subscrição entre a colónia para os mutilados de guerra portugueses. O envelope carimbado para tal fim indicava: “P’ros mutilados d’a guerra portugueses. / A COLONIA GALAICA” (em *El Tea*, 23/05/19, o texto que anunciava a subscrição também estava, expressivamente, em galego). A notícia da entrega do dinheiro ao Presidente da República foi recolhida por vários jornais, alguns com fotografia da comissão; a manchete d’*A Capital* era: “Para os mutilados da guerra. Um acto de filantropia da colónia galaica de Lisboa” (*A Capital*, 30/07/1919)²⁹. Escassos dois anos mais tarde, *El Tea* dá notícia da oferenda que a colónia tributa ao soldado desconhecido (português) em Lisboa. Na mesma página que Ramiro Vidal Carrera publica uns versos sob o título “Galicia e Lusitania” podíamos ler:³⁰

28 As páginas de *El Tea* em 1919 dão notícia das várias iniciativas, algumas polémicas, que no seio do enclave se produziam em sintonia com os galeguistas; desde conferências sobre a literatura galega a declarações de apoio à “autonomia” da Galiza (cfr. p. ex. *El Tea*, 23/4/1919).

29 Dizia *A Capital*: “O venerando presidente da Republica recebeu, como já ontem noticiámos, na cidadela de Cascais os srs. Lourenço Varela Cid, Agapito Serra Fernandes e dr. Alfredo Pedro Guizado, que em nome da colónia galaica lhe foram entregar a avultada quantia de 4.041 escudos com que a mesma colónia se dignou contribuir [discurso de Alfredo Guizado] ‘Excelencia: - Regressando triunfante duma ensanguentada jornada [...] Portugal [...] trouxe alguns dos seus filhos que tão valentemente defenderam o nome da sua Patria nos campos da batalha, mutilados [...] A colonia galega que vive nesta paiz que tão hospitaleiro para ela tem sido, não se esqueceu tambem do seu dever. [...] A comissão Lourenço Varela Cid, Agapito Serra Fernandes, Ermindo Augusto Alvarez, Ramiro Vidal Carreira e Alfredo Pedro Guizado’.” (*A Capital*, 30/07/1919).

30 Poucos dias antes, Alfredo Guizado intervinha em *El Tea* com o poema “A Voz de Galicia” onde se destacam, por um lado as alusões à homenagem ao soldado desconhecido e, por outro

A propósito de los homenajes realizados el día 9 de Abril, al soldado desconocido portugués, al que la colonia gallega en Lisboa ofreció dos ricos candelabros de cinco luces cada uno, en plata, con las inscripciones siguientes: ‘Galicia ós heroes d’a sua *hirmán Lusitania*’. ‘Pra que alumbren eternamente n’o corazón d’esta pátria hospitaleira’. A *colonia gallega* en Lisboa. -9-4-921 (*El Tea*, 23/05/1922; itálicos nossos).

Nesse mesmo ano, 1922, desde as páginas da *Seara Nova*, Alfredo Guisado, português de ascendência galega estreitamente vinculado ao enclave afirmava: “É necessário que essa ideia que a maioria do povo de Lisboa e até de Portugal tem sobre esse país tão nosso irmão pela Raça, acabe e que se dê a conhecer tal êle é, em todas as manifestações da sua Arte” (*Seara Nova*, 14/1/1922, p. 148).³¹ Em 1924, segundo *El Pueblo Gallego* (22/03/1924, p. 2), Juventud de Galicia lançaria uma outra iniciativa: homenagear a Camões na Corunha com um monumento e a Rosalia de Castro com o próprio em Lisboa.

A seguinte tomada de posição do enclave de que temos conhecimento com relevância para os objetivos traçados neste trabalho produz-se em fins de 1928 e inícios de 1929. Nessa altura, vários agentes lançam a iniciativa de organizar uma Semana Portuguesa na Galiza (e igualmente uma Semana Galega em Portugal). A *Seara Nova*, com destaque o *Diário de Notícias*, *El Pueblo Gallego* ou *A Nosa Terra* irão acompanhar os trabalhos de organização assim como as polémicas surgidas.³² Nas páginas do *Diário de Notícias* ficou registada a adesão entusiasta

lado, a tematização dos vínculos entre Galiza e Portugal numa relação de parentesco (*El Tea*, 23/04/1921).

31 N’*A Pátria*, dois anos antes, ao referir-se à emigração galega em Portugal: “É que na alma galega há qualquer coisa da alma portuguesa, a mesma sentimentalidade, a mesma religiosa *saudade* pela sua pátria, a mesma infinita ternura” (*A Pátria*, 7/06/1920; itálico nosso). É de notar que as tomadas de posição de Alfredo Guisado, nomeadamente com a publicação de *Xente d’a Aldea*, dão, aparentemente, os frutos desejados; em crítica ao poemário, podemos ler no *Correio da Manhã* em 1921: “É triste que em Portugal não se conheça melhor a Galliza, tão irmanada a nós por varias razões que é escusado invocar. É preciso amar a Galiza, como se ama uma irmã que é meiga e que não nos pede em troco mais do que um pouco de carinho” (*Correio da Manhã*, 12/04/1921).

32 Abordamos a implicação de Alfredo Guisado na organização da Semana Portuguesa na Galiza em Pazos 2011b.

de Juventud de Galicia à iniciativa; em Fevereiro de 1929 noticiava o jornal lisboeta com grande foto da comissão de membros do enclave: “A colônia galega de Lisboa, tão avultada e laboriosa, trouxe-nos ontem a sua calorosa anuência, as suas felicitações por esta nova iniciativa, pon-do-se incondicionalmente á nossa disposição e manifestando-nos o seu intenso desejo, que é também o nosso, de que a obra tão brilhantemente iniciada seja levada a cabo com o luzimento que merece, retribuida mais tarde pela realização de uma ‘Semana Galega em Lisboa’” (*Diário de Notícias*, 2/02/1929, p.1).

Alguns dias mais tarde, Alfredo Guisado, recorrendo ao repertório galego-português de proximidade/afinidade, intervém no *Diário de Notícias* impugnando o imagotipo negativo. Sob o título “Galegos” escrevia Alfredo Guisado: “Como conheço bem a Galiza e como conheço também o que são e o que valem os galegos, lamento que, por vezes, nós, portugueses, sejamos tão desagradáveis para com eles [...] Ridicularizar, portanto, os galegos, pela sua língua, o mesmo será que ridicularizar-nos a nós próprios, falando do nosso glorioso passado literário” (*Diário de Notícias*, 17/02/1929, p. 1).

Em sintonia com as iniciativas anteriores, o Presidente de Juventud de Galicia, aparentemente em nome da colônia galega de Lisboa, escreve uma carta muito elucidativa ao *Diário de Notícias* (vid. Apêndice III). Antonio Fresco Conde alude na sua intervenção em várias ocasiões à relação de proximidade entre a Galiza e Portugal. A carta contém igualmente contínuas referências à cultura, à literatura e à arte, não apenas à economia e ao comércio, interesse, caberia pensar, prioritário dos emigrantes galegos abastados; conclui mostrando o seu apoio e o da instituição que preside à Semana Portuguesa na Galiza.

Na revista do mesmo *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, de 10 de Março de 1929, o coletivo de emigrantes galegos em Portugal, nomeadamente o enclave lisboeta, conseguirá notabilizar-se ao receber uma homenagem de reconhecimento. Sob o título “Os galego são nossos irmãos!” *O Notícias Ilustrado*, explica o número especial: “Dá com este número a sua comovida colaboração nessa homenagem à colônia galega que em Portugal tem tão numerosa representação. Irmãos de raça,

na actividade, galegos e portugueses irmanam-se na sua intimidade sã e cordial” (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 5).

Na extensa atenção dedicada aos galegos, a revista do *Diário de Notícias* insere fotografias onde a representação dos galegos, apesar do tom amigável, está no essencial em sintonia com o imagotipo negativo aqui descrito; a fotografia que ocupa toda a capa é de um amolador, nas páginas interiores aparecem galegos desempenhando os ofícios que muitos exerceram durante o século XIX e parte do XX. O “Número extraordinário dedicado à colónia galaica”, porém, longe de insistir neste imagotipo da imagem portuguesa dos galegos, inclui também na sua homenagem uma secção dedicada aos “Artistas e Poetas Filhos de Galegos”, e também, ao lado de imagens de paisagens galegas retratos da “Grandes Figuras da Colónia”; isto é, galegos destacados na indústria e no comércio lisboetas. Figura igualmente na revista uma página dedicada a “poesias galegas”, onde aparece o texto guisadiano “A voz de Galícia” já citado.³³ Na página 15, o próprio Alfredo Guisado colabora com o artigo “Nós e a Galiza” onde, apoiando-se numa extensa citação do discurso de Manuel Murguia, pronunciado nos Jogos Florais de Tui de 1891, se felicita pela iniciativa d’*O Notícias Ilustrado* e põe em destaque as semelhanças entre a Galiza e Portugal: “A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho”.

A homenagem do *Diário de Notícias* à colónia galega tem obrigatoriamente de se relacionar também com o aumento significativo da relevância social e económica do enclave galego em Lisboa, agora com capacidade económica,³⁴ interessada em apagar os traços menos amáveis do imagotipo negativo.

33 Os outros autores eram: Andrés Martínez Salazar, Marqués de Figueroa, Curros Enríquez, Rosalia de Castro e Ramón Cabanillas.

34 De facto esta capacidade económica parece ser um dos fatores por trás da acolhida do *Diário de Notícias* às reivindicações dos galegos em Lisboa. Os nomes dos proprietários das casas comerciais com publicidade em, por exemplo, o número especial dedicado a esta comunidade pelo *Notícias Ilustrado*, assim o indica.

Conclusões

A partir do exposto mais acima, nomeadamente da análise do percurso do enclave galego, em nossa opinião, pode concluir-se:

- No período de análise, com especial incidência nos últimos anos, o imagotipo negativo passa a partilhar o imaginário português com uma nova visão da Galiza e dos galegos.
- Este imagotipo começa a ser elaborado por agentes tanto portugueses como galegos no último terço do século XIX e nutre-se da ideia central de que os galegos e portugueses compartilham uma série de elementos de variada natureza (identidade/afinidade de língua, alma, raça, passado, paisagem, etc.).
- As estratégias dos membros do enclave lisboeta durante a República e depois desta passam por insurgir-se contra a imagem lusa menos amável para com os galegos, não optando por identificar-se inequivocamente como galegos, e adscrevendo-se ambigualmente a uma identidade difusa ou diretamente espanhola; paralelamente tentam autoidentificar-se como trabalhadores e honestos ao passo que parecem querer aproximar-se das novas elites republicanas ou, no mínimo, distanciam-se das conspirações monárquicas. Mas, os mesmos membros da colónia galega, transcorridos os anos, descobrem que a sua origem galega pode retribuir-lhe alguns benefícios o qual indica, em nosso entender, que uma outra forma de imaginar a Galiza e os galegos, em concorrência com o imagotipo negativo, cristaliza em Portugal seguindo o caminho traçado por grupos e agentes galegos e portugueses interessados, por distintos motivos, em fortalecer as relações galego-portuguesas. Neste sentido, os galegos, pelos seus capitais, começariam a ser úteis a setores da burguesia e, ainda, da administração do Estado. A galeguidade não será, pois, necessariamente um entrave para aquisição de capital social ou simbólico. Por outras palavras: ser galego como Rosalia de Castro ou sentir saudade como os portugueses poderá ser agora um cartão de visita não só aceitável como estimável;

- Deste modo, a trajetória do enclave evidencia que o imagotipo, aqui denominado *de afinidade*, funciona socialmente, efetivamente, sobretudo a partir da década de 20, concorrendo com o imagotipo negativo.
- O novo imagotipo não é representação exclusiva de um grupo humano, como o negativo; é representação de indivíduos (os galegos em geral) e, especialmente, da Galiza (território com características próprias).
- Consequentemente, por último, a imagem portuguesa dos galegos e da Galiza, apresenta no fim do período de análise uma composição dual, analisável desde o conceito de *imagem*³⁵ porquanto os dois imagotipos se nutrem de vários elementos antagónicos ou, no mínimo, incompatíveis.³⁶ Os dois têm origens e funcionalidades diversas. Enquanto o imagotipo negativo está vinculado ao fenómeno migratório galego em Portugal e é ativado no espaço social português preferentemente para provocar o riso, o imagotipo de afinidade responde ao labor planificador de galegos e portugueses e pode funcionar, por exemplo, para ativar as relações entre a Galiza e Portugal no plano cultural ou servir de plataforma aos imigrantes galegos para aquisição de outros capitais além do económico.

Coda

Quanto e quê desta imagem lusa da Galiza e dos galegos ficou após a implantação do Estado Novo e da Ditadura franquista com o

35 Tomamos esta noção de J. Leerssen: “in most cases, the image of a given nation will include a compound of layering different, contradictory counter-images, with (in any given textual expression) some aspects activated and dominant, but the remaining counterparts all latently, tacitly, subliminally present. As a result, most images of national character will boil down to a characteristic, or quasi-characterological, polarity: passion and arrogance in the Spaniards, refinement and immorality in the Italians [...] An *image* is the term used to describe an image in all its implicit, compounded polarities” (Beller e Leerssen 2007: 343-344).

36 Poderíamos falar, nos termos de Machado e Pageaux 2001: 61-62, de uma imagem que vai, simplificando, da “fobia” à “filia”; contudo, verificamos que a imagem portuguesa dos galegos conserva no fim do período fixado a “fobia” à qual acrescenta a “filia”.

consequente apagamento das possibilidades de intervir cultural e politicamente de muitos dos interessados no contacto galego-português é questão de difícil resposta.

Provavelmente a análise deveria ser equacionada em termos de invisibilidade.³⁷ Tudo parece indicar que no imaginário português atual a Galiza não usufrui de uma posição consistente. Os entraves que mostraram as longevas ditaduras peninsulares às relações aqui aludidas parece ter sido uma das causas desta invisibilidade.³⁸ Por outro lado, o facto de Portugal (os portugueses) se imaginar a si próprio como uma cultura homogénea aparentemente dificulta a visibilidade da heterogeneidade doutros estados (neste caso a do Estado espanhol).

Ora, como hipótese, cremos que hoje, nos inícios da segunda década do século XXI, o imaginário português a respeito da Galiza e dos galegos (e consequentemente o modo de se relacionar com estes) tem as suas raízes (não só, mas de forma significativa) no imagotipo de afinidade aqui descrito. Assim, a ideia ou crença da Galiza e dos galegos como comunidade e indivíduos que mantém algum tipo de afinidade com Portugal e os portugueses ainda funciona culturalmente, socialmente, pelo menos para umas elites ilustradas. Os discursos que acompanham e acompanham a fundação e desenvolvimento de instituições comuns a galegos e portugueses como o Eixo Atlântico assim o indicam. Claro que a proximidade/afinidade aparece em não poucas ocasiões, como dizia Elias Torres ao analisar quatro romances portugueses da década de 90, “imersa numha confusom, onde interessa o tópico e o exotizante a custa da *realidade*” (Torres 1999b: 304).³⁹

37 Temos assistido em numerosas ocasiões ao singular encontro entre turista ou viajante galego (muitas vezes castelhano-falante) e empregado de mesa ou funcionário do posto de turismo em que o primeiro, ativando o seu imaginário, se expressa no seu *galego(nhol)* e o segundo, fazendo o próprio, em *portunhol*. Além do caricata e até risível, a situação demonstra os défices que galegos e portugueses acumularam durante as últimas décadas.

38 A primeira ponte sobre o rio Minho a ligar a Galiza e Portugal, entre Tui e Valença, data do ano 1886. A segunda a ser construída de que tenhamos conhecimento, para o trânsito rodado, foi inaugurada em 1987 entre Monção e Salvaterra; a ponte nova entre Valença e Tui é de 1993.

39 No último romance português com presença repertorial galega de que temos notícia, *O eremita galego* (Rocha 2011), a representação da Galiza, sem deixar de veicular uma realidade próxima (uma das personagens, p. ex., explicita que entre galego e português, “A diferença também não é muita”) aparece toldada desta *confusão* onde *mistério*, *morte* e *religião* surgem

REFERÊNCIAS

Publicações periódicas

- Alborecer*, 1932.
Capital (A), 30/07/1919
Clamor Español (El), 1909.
Correio da Manhã, 1921.
España Democrática, 1912.
España Moderna (La), 1908.
España y Portugal, 1913.
Diário de Notícias, 1928 e 1929.
Nosa Terra (A), 1928 e 1929.
Paiz (O), 1912.
Pueblo Gallego (El), 1924, 1928 e 1929.
Seara Nova, 1922, 1928 e 1929.
Tea (El), 1908-1936.
Vida Gallega, 1910.

Outras referências bibliográficas

- ALONSO de la Torre Núñez, José Ramón (2006). “Miradas cruzadas. Estereotipos entre españoles y portugueses”, en VVAA, *Crónica Ágora* 2005, Mérida, Junta de Extremadura (acessível em: <http://www.gitextremadura.com/agora/cronicas/descarga.phpmodulo=cronica&file=33&documento=miradas.pdf&nombre=miradas.pdf> [última consulta 1/11/2011]).
- ALONSO ESTRAVÍS, Isaac (1998): “A Galiza, os galegos e a língua segundo Rodrigues Lapa” in *Agália*, 53: 3-15 (acessível em: http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=agalia:n53_a_galiza_os_galegos_e_a_lingua_segundo_rodrigues_lapa.pdf [última consulta 1/11/2011]).
- ALVES, Jorge Fernandes (2002): “Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas” in Antonio Eiras Roel e Domingo González Lopo (coord.): *Movilidad e migracións internas na Europa Latina*, Santiago de Compostela, Universidad (Catedra Unesco) p. 117-126 (acessível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11211.pdf> [última consulta 1/11/2011]).
- BARREIRO Fernández, Xosé R. (2007): “Galicia e Castela: orixe, evolución e fracaso do mito anticastelán” in Helena González Fernández e María Xesús Lama López (eds.): *Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Actas VII Congreso Internacional de Estudos Galegos*, Sada, Edición do Castro, pp. 25-38.
- BEIRANTE, Cândido F. B. (1992): “A Galiza e os galegos na obra de Alexandre Herculano” in M^a do Carmo Henriques Salido (ed.): *Actas III Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, [A Corunha] AGAL, pp. 395-403.
- BELLER, Manfred e LEERSSSEN, Joep (eds.) (2007): *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi.

como elementos centrais; algo tendo a ver, presumivelmente, com a mediática emergência do Caminho de Santiago e os discursos à volta dele elaborados.

BELLO Vázquez, Raquel (2012): “Portugal como referente na Galiza do século XVIII. O caso de José Andrés Cornide” in P. Petrov, P. Q. de Sousa, R. L.I. Samartim e E. J. Torres Feijó (eds.): *Avanços em literaturas e culturas africanas e em literatura e cultura galega*, Santiago de Compostela, Faro: Associação Internacional de Lusitanistas, pp. 271-288.

BERAMENDI, J. G. (1991): “El Partido Galleguista y poco más: organización e ideologías del nacionalismo gallego en la II República”, in Justo González Beramendi & Ramón Máiz (comps.): *Los Nacionalismos en la España de la II República*, Consello da Cultura Galega / Siglo Veintiuno, Santiago de Compostela / México, pp. 127-170.

CAGIAO Vila, Pilar e NÚÑEZ Seixas, Xosé Manoel (2007): *A Gran Historia de Galicia. Os galegos de Ultramar. Galicia e o Río da Prata*, Tomo X, Vol. 2, Corunha, La Voz de Galicia, pp. 11-19.

CARAMÉS Martínez, Xesús (1993): *A imaxe de Galicia e os galegos na literatura castelá*, Vigo, Galaxia.

CHATO Gonzalo, Ignacio (2004): *Las relaciones entre España y Portugal a través de la diplomacia (1846-1910)*, Tomo II, Mérida, Editora Regional de Extremadura.

CUNHA, Norberto Ferreira da (2007): *A Autonomia Galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção, Casa Museu de Monção/Universidade do Minho.

DANTAS, Luís (2010): *Retratos gallegos* [edição de autor].

FELGUEIRAS, Guilherme (1981): “O Galego. Tipo popular da fauna lisboeta”, Lisboa [Sep. Bol. cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 3a série, 86].

GARCÍA Fernández, Xosé Lois (1996): “Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal” in Maria Xosé Rodríguez Galdo e Afonso Vázquez-Monxardín (coords.): *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na Emigración*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 181-186.

GONZÁLEZ Lopo, Domingo L. (1999): “Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino” in Pilar Cagio Vila (ed.): *Semata, Ciencias Sociais e Humanidades*, vol. II, pp. 269-298.

_____ (2006): “‘Se se mandassem embora não haveria quem servisse...’ Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial” in Ruben Lois González e Rosa Verdugo Matés (ed.): *As migracións en Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Corunha, Ed. Candeia, pp. 237-266.

_____ (2009): “Gallegos en Portugal, una emigración (casi) olvidada (1700-1950)” in Maria Beatriz Rocha-Trindade (org.): *Migrações, permanências e diversidades*, Porto, Afrontamento, pp. 187-215.

_____ (2011): “Los lisboanos gallegos y la I República Portuguesa: evolución económica, social e ideológica de un colectivo inmigrante en Portugal” in *Atas do Seminário A Emigração na Primeira República*, Museu das Migrações e das Comunidades/Câmara Municipal de Fafe/Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta [no prelo].

KRISTENSEN, B. e EVANS PIM, J. (2006): “Galegos no humor e no imaginário coletivo. O arquetipo do emigrado na literatura satírica do Portugal decimonônico” in J. Evans Pim et al.: *Estudos Atlânticos*, Rianxo, pp. 87-121.

GRYGIERZEE, Wiktorja e FERRO Ruibal, Xesús (2009): “Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués” in *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 11: 94-105.

HERCULANO, Alexandre (1981): *O Pároco de Aldeia. O Galego (Vida, Ditos e Feitos de Lázaro Tomé)*, Porto, Lello & Irmão [1845-1846].

- LAPA, Manoel Rodrigues (1942): “Carrere e o elogio do galego” in *Lar*, 224-225: 9-10 [Buenos Aires].
- LEIRA, Xan (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación sll.
- MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri (2001): *Da literatura comparada à teoria da literatura*, 2ª ed., Lisboa, Presença, pp. 48-66.
- MARCO, Aurora (1996): “Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal” in *Agália*, 46: 197-209.
- MARÇAL, Horácio (1954): “O significado do vocábulo ‘galego’ e a sua extensão na etnografia e no folklore” in *Douro Litoral*, 6ª serie, I-XI: 3-16.
- NÚÑEZ Seixas, Xosé M. (2002), *O inmigrante imaxinario. Estereotipos, representacións e identidades dos galegos na Argentina (1880-1940)*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- PALMÁS, Ricardo (1984): “La emigración” in VV.AA.: *Los Gallegos*, 2ª, Madrid, Ediciones Ismo, pp. 503-536.
- PAZOS Justo, Carlos (2009): “Estratégias de socialização e vinculação com a metrópole do enclave galego de Lisboa entre os séculos XIX e XX” in *Actas do IX Congreso da Asociación Internacional de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela [no prelo].
- _____ (2010a): *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Santiago de Compostela, Laivento.
- _____ (2010b): “De João de Redondella a Os galegos são nossos irmãos. Aproximação à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal nos inícios do século XX” in *Atas do Congresso Imagologias ibéricas: Imagens da identidade e da alteridade nas relações luso-espanholas*, Cáceres, Universidade de Extremadura [no prelo].
- _____ (2010c): “Alfredo Guisado e a imagologia dos galegos em Portugal” in *Atas do Colóquio Interdisciplinar «Mnemo-Grafias Interculturais / Interkulturelle Mnemo-Graphien»*, Braga, Universidade do Minho [no prelo].
- _____ (2011a): “A emigração espanhola em Lisboa na 1ª República: o caso do enclave galego” in *Atas do Seminário A Emigração na Primeira República*, Museu das Migrações e das Comunidades/Câmara Municipal de Fafe/Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta [no prelo].
- _____ (2011b): “A intervenção galeguista de Alfredo Guisado no âmbito da Semana Portuguesa na Galiza (1929)” in Helena Rebelo (coord.): *Lusofonia. Tempo de Reciprocidades. Actas IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Madeira, 4 a 9 de Agosto de 2008*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 359-370 (acessível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15459> [última consulta 2/01/2012]).
- PENA Rodríguez, Alberto (1999): *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*, Vigo, Universidade de Vigo.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1994): *Os Galegos e outras historias*, 2ª ed., Lisboa, Veja [1884; Prefácio de Carlos Consiglieri].
- PINHO, António C. (1983): “Objectivo: em louvor do home que veio da Galiza” in *Iº Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. II, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, pp. 203-214.
- ROCHA, Pedro Miguel (2011): *O Eremita Galego*, Lisboa, Esfera do Caos.

RODRÍGUEZ, José Luis e TORRES Feijó, Elias J. (1994): “A Galiza e os galegos na prosa de Camilo” in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.

ROMO Feito, Fernando (2010): “Ideology and Image of Peninsular Languages in Spanish Literature” in Fernando Cabo Aseguinolaza, Anxo Abuín González e César Domínguez (eds.): *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp. 456-473.

TORRE Gómez, Hipólito e TELO, António José (coords.) (2002): *La mirada del otro: percepciones luso-española desde la historia*, Badajoz, Junta de Extremadura.

TORRES Feijó, Elias J. (1999a): “Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)” in *Ler História*, 36: 273-318 (acessível em: http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=gze-ditora:cultura_portuguesa_e_legitimacom_do_sistema_galeguista.pdf [última consulta 1/11/2011]).

_____ (1999b): “‘O fim do milénio que começámos juntos’ A Galiza como material repertorial central no romance português contemporâneo, de 1991 a 1994: literatura de autognose?” in *Nova Renascença*, 72/73: 291-313.

_____ (2008): “A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego” in *Atas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa [no prelo].

_____ (2010): “Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo”, in Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 163-185.

VÁZQUEZ Cuesta, Pilar (1995): “Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Un diálogo asimétrico” in *Colóquio / Letras*, 137/138: 5-21.

VAZ, Rodrigues (coord.) (2008): *Os Galegos nas Letras Portuguesas*, Lisboa, Pangeia Editores.

VILLARES, Ramón (1983): “As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea” in *Grial*, 81: 301-314.

Apêndices

I

O roubo nos pesos e nas medidas [excerto]

Todavia, o mais refinado ladrão n'esta especialidade é o gallego tasqueiro, taberneiro carvoeiro e merceeiro. Este figurão vindo do norte, cheio de ronha e porcaria, é aceite em Lisboa como homem honesto e de trababalho [sic.].

Feitas as contas e bem analysado á luz da critica clara, nem ele nunca foi honesto, nem respeitador das nossas leis, nem grato á hospitalidade que lhe dispensamos, nem util por qualquer motivo ao nosso meio industrial.

O gallego vulgar, o que anda para ahi em certos misteres, é uma especie de judeu do que respeita a negocio. Se a sua actividade se encaminha para a taberna ou para o café, o gallego falseia todos os productos que vende; assim como se compraz em nunca dar a medida cabal dos liquidos vendidos nem o peso certo das cousas que se lhe compra.

Além d'isso, na maior parte dos casos é imoral e porco, uma espécie de toupeira que tanto *fura* por um montão de esterco como por outro *solo* mais hygienico.

A questão é de dinheiro, e o gallego, a trôco d'este metal presta-se a tudo.

Quem, melhor que elle, vive com as meretrizes e com os rufias, n'uma familiaridade quasi de irmãos? Esta gente, tão repulsiva para os outros, é para o gallego a divina providencia.

O gallego é o *factotum* de tudo que amenise a vida depravada da mulher prostituida, publica ou particular [a autora tinha-se notabilizado nas páginas de *O Paiz* atacando assiduamente a prostituição].

Elle é o dono dos *hoteis de pernoitar*; elle é o proprietario dos cafés das camareras; elle dirige as tabernas onde a malandragem se vae acoitar durante as horas mortas da noite, para as libações gratas á sua miseravel vida; elle é moço alcoviteiro dos recadinhos recatados da prostituição vergonhosa e deprimente d'esta cidade; elle é, finalmente,

o vasculho que nos rouba, que nos envenena com as tranquiibernias dos productos que vende, e que nos deprime com os seus negocios sujos e improprios d'esta cidade.

Os *lenocinistas* mais numerosos de Lisboa são os gallegos, porque muitos conhecemos nós, que se ligaram com mulheres portuguezas, já sem vergonha e pudôr, sómente com o fim de que ellas, *com a sua actividade*, lhes engrossassem os haveres.

Ah! Se fôssemos governo, os senhores galegos ou entravam na ordem, ou iam passear...

Guilhermina de Moraes "O roubo nos pesos e nas medidas" in *O Paiz*, 17/09/1912, pp. 1 e 2 (itálicos no original).

II

Colonia Callaica

Sr. director d'«O Paiz».

No seu jornal de 17 do corrente, deu V. publicidade a um artigo altamente offensivo da colonia gallaica e, em absoluto, sento de verdade e justiça.

Extranhariámos esse facto se elle representasse a opinião de V. ou da sua redacção a quem tantas e tantas provas de deferencia está devendo a colonia a que temos a honra de pertencer, mas, felizmente, o artigo vem assignado por uma senhora e isto nos basta para o supormos devaneio feminino, gerado n'um momento de mau humor.

Todavia como é a primeira vez que nas columnas de O Paiz somos tão injusta e rudemente tratados, negando-se-nos todas as qualidades que dão jus a quaesquer pessoas a viverem em nacionalidade que não seja a sua, pedimos-lhe, sr. Director, a fineza de permitir que no seu jornal demonstremos, pela publicação d'esta carta, a falta de fundamento com que fomos difamados pela sr.^a D. Guilhermina de Moraes.

A colonia galaica de Lisboa é na generalidade tão devotada á *properidade e progresso* d'esta nação como os mais estrenuos e dedicados patriotas portugueses.

Nem todos os filhos da Galliza correspondem á hospitalidade que aqui lhes é dispensada com a correcção que é apanagio dos homens honrados; no entanto o numero dos que assim procedem é de tal modo infimo que se torna quasi imponderavel.

Ao contraio do que afirma a collaboradora de V. a quasi totalidade dos gallegos aqui residentes, vive do seu *trabalho honrado* contribuindo assim para o argumento da riqueza publica e engrandecimento moral e material da nação.

É tanta a sua estima por Portugal que muitos membros da nossa colonia aqui constituiram familia e assentam residencia definitiva, convertendo o producto do seu *trabalho* em estabelecimentos e propriedades que concorrem para valorisar mais este paiz.

Dizendo isto, não fazemos uma afirmação gratuita. Emborra pese á collaboradora de V. muitas *propriedades e estabelecimentos* pertencentes a gallegos embellezam as ruas da c[a]pital e concorrem ao conjunto de grandiosidade que a torna digna de admiração dos estrangeiros e é motivo de legítimo orgulho dos nacionaes.

De como a colonia galaica é ciosa pela felicidade e honra da nação que galhardamente lhe dá hospitalidade, existe a exuberante prova na attitude que tem tomado todas as vezes que algum incidente desagradavel ou agradavel perturba ou agita a vida da Patria Portuguesa.

N'essas occasiões, a colonia, esquecendo preconceitos de nacionalidade integra-se na mesma patria, como se esta fora sua, para a acompanhar em todos os lances de angustia ou de regosijo. E porque não hade ser assim, se defende os seus interesses vitaes e o patrimonio dos seus filhos?

Cerrando os olhos perante a incisiva evidencia dos factos, a sr.^a Guilhemina de Moraes calumniou-nos pelo capricho feminino de querer calumniar-nos, o que devidamente comprehendido por esta collectividade nos inhibe de lhe responder.

Por ella nem viriamos importunar V nem tirar ao seu apreciado jornal o espaço de que carece para outros assumptos; porém é desejo

nosso que na colecção do «Paiz» onde o artigo da sr.^a D. Guilhermina de Moraes já existe, figure também este desabajo d'uma colonia cuja dignidade não pode estar á mercê de injustas criticas.

Pela concessão de mais este penhorante favor se confessam gratos a V em nome da collectividade que representam

Pela concessão de mais este penhorante favor se confessam gratos a V em nome da collectividade que representam.

Os directores de Juventud de Galicia, em seu nome

O Presidente

Lorenço Varella Cid

Lorenço Varella Cid, “A Colona Gallaica” in *O Paiz*, 29/09/1912, pp. 1 e 2 (itálicos nossos).

III

A Semana Portuguesa na Galiza. Como a nossa iniciativa é acolhida pela Sociedade ‘Juventud de Galicia’

Sr. Director do ‘Diario de Noticias’: - A espontaneidade e o carinho com que o ‘Diario de Noticias’ acolheu a ideia de realizar uma Semana Portuguesa na Galiza produziu extraordinaria satisfação entre os membros da colonia espanhola e muito principalmente entre os naturais das quatro províncias galegas, manifestadas com todo o entusiasmo na ultima assembleia da Sociedade ‘Juventud de Galicia’ a que tenho a honra de presidir.

Nesta assembleia, que se efectuou no dia 20 do corrente, foi, por unanimidade, aprovado um voto de agradecimento e apoio ao ‘Diario de Noticias’ a aos ex.mos srs. Antonio Ferro e dr. Alfredo Pedro Guisado pela maneira leal e carinhosa com que se referiram á nossa terra e pela justiça feita aos *valores que marcam na vida cultural, artistica, scientifica e literaria da Galiza*. Esses votos que não reflectem sómente palavras platonicas mas sim a certesa de uma constante colaboração moral e material dos meus compatriotas e conterraneos, o que por este meio faço

publico, confirmam a adesão que já tive ocasião de oferecer, em nome de ‘Juventud de Galicia’ ao ‘Diario de Noticias’.

Os jornais galegos têm-se ocupado com muita simpatia da Semana Portuguesa na Galiza, o que demonstra existir o desejo ardente duma maior *confraternização galaico-lusitana*. A imprensa da minha terra, que é a expressão periodica mais racial da *vitalidade* e do *sentimento galego*, sabe que, procedendo deste modo e abrindo as suas paginas para dar calor a essa feliz iniciativa, interpreta fielmente os desejos do *nosso povo*. Não somos só os que vivemos em Portugal, neste hospitaleiro país, que *amamos como uma segunda patria*, que sentimos essa simpatia e esse carinho pelos nossos irmãos portugueses; são os que vivem *tambem na Galiza*, porque, uns e outros, orgulhos da nossa patria espanhol, abrigamos o mesmo espirito de *fraternal apreço* por Portugal.

Tem uma facil explicação esta simpatia, porque são com certesa poucos os que não têm um *laço de amizade*, de *parentesco* mais ou menos directo, mais ou menos remoto.

Em Portugal residimos actualmente mais de cinquenta mil espanhóis, dos quais calcula-se que setenta e cinco por cento somos filhos da Galiza. Tambem só na nossa terra vivem uns quinze mil portugueses. Todavia, as relações de *intercambio cultural* e economico entre Portugal e a nossa região têm sido quasi nulas, sem que para isso exista uma explicação satisfatoria. Nem nós conhecemos Portugal, nas suas diversas manifestações *literarias*, *artitsticas* e até industriais e comercias, nem tão pouco os portugueses em geral têm conhecimento da *literatura* e da *arte galega*, a não ser daqueles trechos de *poesias* que, como já muito bem disse o dr. Alfredo Guisado, tem divulgado a ilustre artista D. Amelia Rey Colaço.

A Semana Portuguesa na Galiza, que, em meu entender, deverá realiza-se nas cidades de Santiago de Compostela, Vigo, Pontevedra, Coruña, Orense e Lugo, será o inicio duma aproximação mais constante.

Nesse sentido ha muito ainda que fazer. Torna-se necessario aperfeiçoar as comunicações para mais facilmente se chegar a esse intercambio. Para se falar entre Lisboa e qualquer terra da Galiza, mesmo

com a praça fronteiriça de Tuy, ainda é necessário comunicar-se por via Madrid; também seria necessário estabelecer-se comboios rápidos com carruagens-leitos para facilitar a viagem da Galiza através de Portugal para Sevilha e vice-versa. A construção de uma ponte sobre o Minho que unisse directamente Monção e Salvatierra é também uma iniciativa que, além de fomentar o desenvolvimento das povoações fronteiriças, muito facilitaria o desenvolvimento do turismo entre os dois países.

Não menos importante a necessidade que existe de que os jornais portugueses possam ser lidos (o que não acontece actualmente) em qualquer localidade da Galiza, porque seriam muitos os seus leitores que, desejando estar ao facto da vida portuguesa para ‘matar saudades’ da terra onde bastantes deles passaram a sua juventude e se orgulham por terem contribuído com as suas energias para o desenvolvimento do comércio e da indústria portuguesa, lhes interessa também informar-se das cotações dos fundos públicos portugueses, pois não deve desconhecer-se que poucas são as vilas e freguesias galegas onde não existam possuidores desse valores (*Diário de Notícias*, 1/03/1929, p. 1).

Não é, pois, difícil esperar que, com todos estes factores, prova ineludível da *amizade galaico-portuguesa*, a Semana Portuguesa na Galiza ha de encontrar, por parte de todos nós, a mais franca e decidida *cooperação e acolhimento*.

Ao cumprir este grato dever de tornar público os votos de simpatia e apoio da Sociedade a que presido, estou convencido de que ao ‘Diário de Notícias’ não faltará a necessária colaboração que esta iniciativa se realize com o maior esplendor

Antonio Fresco Conde, presidente de Juventud de Galicia.

Antonio Fresco Conde, “A Semana Portuguesa na Galiza. Como a nossa iniciativa é acolhida pela Sociedade ‘Juventud de Galicia’” in *Diário de Notícias*, 1/03/1929, p. 1 (itálicos nossos).